

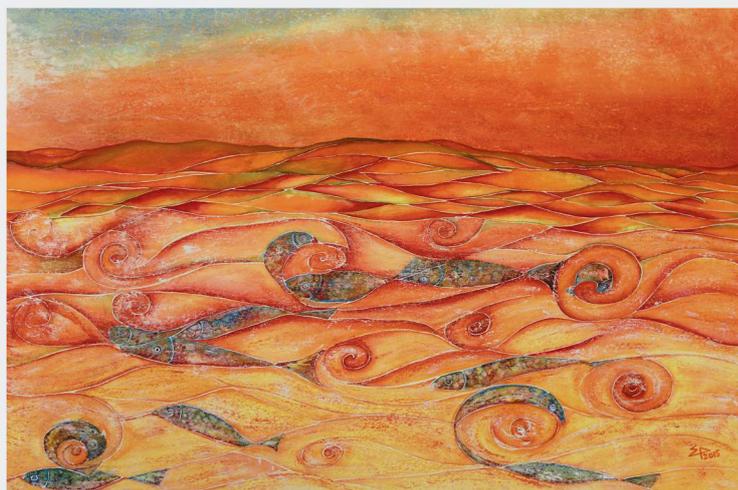
CONVERSAS COM O RIO DOCE

Maria Celeste Reis F. de Souza
Thiago Martins Santos
Renata Bernardes Faria Campos
Eliene Nery Santana Enes
(Organizadores)

caderno
temático **4**

RIO DOCE: NOS FIOS DA ARTE E DA MEMÓRIA

Eliene Nery Santana Enes
João Marcos Parreira Mendonça



memorial descritivo da capa

Título: Rio Doce I, II e III (tríptico)

Ano: 2015

Artista: Edileila Portes*

Técnica: Gouache s/papel fabriano

Dimensões: 0,45cm x 1,80cm

A obra faz parte de uma trilogia (“Rio Doce I, II e III”; “Figueira I, II e III” e “Ibituruna I, II e III”) concebida por ocasião do desmoronamento da barragem da Samarco, na cidade de Mariana, Minas Gerais, Brasil, em novembro de 2015. Dei à série o título “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce” fazendo referência aos sentimentos pelos quais nós, os atingidos/moradores do Vale do Rio Doce, passamos diante dessa tragédia, numa denúncia poética, expressão permitida pela Arte. Objetiva, também, fazer uma homenagem ao Vale, focando os sentimentos que os moradores de Governador Valadares - cidade onde moro atualmente - possuem, representados metaforicamente nos símbolos presentes na obra e que são carregados de sentidos: o Rio Doce, a Figueira e a Ibituruna.

Como professora, pesquisadora e artista visual busco com a obra, portanto, homenagear o Vale, sensibilizar os moradores e, ao mesmo tempo, compartilhar os sentimentos vivenciados a partir do ocorrido, principalmente pelos Borum do Watu, sociedade nativa que vive num território situado às margens do rio Doce, próximo a cidade de Resplendor, MG e que vivencia de forma material e simbólica o rio Doce, o Watu para os Borum. Expresso no “Rio Doce I” um rio que ainda exala vida, representada nas cores fortes e na presença dos peixes, que também carregam esta simbologia. Imagem vívida, ainda, na memória dos Borum, segundo relato colhido durante uma pesquisa etnográfica que fiz no território Krenak. No “Rio Doce II”, concebida na noite do desmoronamento, trago a minha angústia diante da notícia que se espalhou de forma contundente: a lama tóxica chega aos borbotões como “chamas de um dragão”, enquanto os peixes tentam “correr para o mar, em vão”. No “Rio Doce III”, o rio muda de cor. Torna-se rubro como a lama que chega: é a hora da sua partida e da morte dos peixes, que emergem agonizantes. Ao fundo das três obras, sob o olhar impotente da Ibituruna, a Vida se esvai. Aqui, justifico o título “Rasgos na Alma” uma vez que essa tragédia não rasgou o Vale só no sentido material, mas a Alma dos entes e seres que nele habitam. O tríptico “Rio Doce I, II e III” ilustra, juntamente com os outros dois trabalhos já referidos, um livro que leva o mesmo título: “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce”. Trata-se de um poema

* Possui graduação em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Folclore e Cultura Popular e Mestrado em Gestão Integrada do Território. É Membro Efetivo (Pesquisador) da Comissão Mineira de Folclore (2005) e do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri (2019). Atuou como professora assistente da Universidade Vale do Rio Doce de 2002 a 2017. Gere o espaço cultural Ateliê Edileila Portes desde 2014, prestando assessoria e consultoria em Arte e Cultura. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nas seguintes áreas: desenho, composição e plástica, percepção visual, história da arte, arquitetura e urbanismo, teoria do urbanismo, cultura, folclore, identidade, território e territorialidades.



ilustrado, editado pela Editora Atafona, de Belo Horizonte, com a coedição do Ateliê Edileila Portes, do qual sou gestora e tem o apoio cultural da Comissão Mineira de Folclore, onde sou membra efetiva pesquisadora. O conjunto da obra objetiva propor reflexões sobre o tema, que acreditamos pertinente diante da crise ambiental vivenciada no Brasil e no mundo. Desde a sua edição, em novembro de 2017, até o momento, o livro e as obras que o ilustram participaram de um vasto circuito de exposições e lançamentos - da Universidade de Framingham, nos Estados Unidos até livrarias em Belo Horizonte, Governador Valadares e São Paulo. Ongs, Institutos, Escolas, Universidades, Fórum Social Mundial, em Salvador, Feiras internacionais do livro - São Paulo e Buenos Aires - também fizeram parte do circuito. Em abril de 2018, o livro ilustrado foi contemplado com o selo de “Altamente Recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

projeto gráfico, muito além da diagramação

O projeto gráfico elaborado pela Tuia Comunicação para a coleção Conversas com o rio Doce considerou seu uso como ferramenta de aprendizado, ensino e também de pesquisa.

Pensando na unidade visual, as obras da artista Edileila Portes da capa, foram o ponto de partida para criar esse ambiente. As cores foram extraídas das telas. Os elementos gráficos em destaque no rodapé, e também em alguns tópicos, remetem às ondas ou movimentos das águas do rio Doce.

A proporção das páginas, o tamanho das fontes utilizadas no texto, bem como a cor, tanto facilita a leitura em meios eletrônicos como a impressão, visto que o formato da página (folha A4) é comum em impressoras e fotocopiadoras pequenas, presentes na maioria das escolas. E, sendo nesse formato, sua encadernação torna-se mais prática para ser utilizada em rodas de conversas e distribuídos entre alunos.

A disposição do texto foi pensada de uma forma fluida, remetendo às curvas do percurso do rio Doce. Com os recuos de texto e imagens, criam-se também espaços para anotações complementares de professores e alunos.

Esse projeto aproxima a forma da diagramação do conteúdo dos Cadernos Temáticos com a intenção de trazer uma experiência de leitura e aprendizado mais agradáveis.



Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 dos autores

Esta coleção foi editorada com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Chamada Universal MCTI/CNPq, edital nº 01/2016, e com auxílio financeiro da Fundação Percival Farquhar, entidade mantenedora da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Venda proibida.

C766m Enes, Eliene Nery Santana
Memórias do rio Doce [livro eletrônico] : caderno temático 4 / Eliene Nery Santana Enes e João Marcos Parreira Mendonça; organização Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, Thiago Martins Santos, Renata Bernardes Faria Campos e Eliene Nery Santana Enes. – Governador Valadares, MG: Univale Editora, 2021. 23 p. : il., color. – (Conversas com o Rio Doce; 4)

Projeto: Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral
ISBN 978-65-87227-17-7 (on-line).

1. Rio Doce – Minas Gerais – História. 2. Barragem de minério – Desastres ambientais. I. Título. II. Série.

CDD 981.51

PROJETO GRÁFICO
Tuia Comunicação
tuiacomunicacao@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

REVISÃO
Elizabeth Lopes Latorre

CONTATO
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)
territorio@univale.br



Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muitas águas em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra, 1996).



apresentação

Apresentação	7
Um Dedo de Prosa	11
Abrindo a Prosa	13
No Fio da Prosa	15
Outras Prosas	18
Amarrando a Prosa.....	21
Referências	22
Sobre os Autores	23



apresentação

Caro (a) Leitor (a),

Este caderno é parte da coletânea “Conversas com o rio Doce”, e esperamos que ele possa render boas conversas para diferentes pessoas e grupos que tenham como propósito compartilhar aprendizagens e saberes sobre o rio e com o rio.

A elaboração deste material é fruto do projeto “Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral”**, que tomou o rio Doce como objeto de saber. Os (as) estudantes que participaram da pesquisa trouxeram um mosaico de saberes e manifestaram diferentes desejos de aprendizagem sobre esse rio, antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, localizada no município de Mariana, na Região Central de Minas Gerais.

Como moradores de Governador Valadares, cidade mineira localizada às margens do rio Doce, e vivendo os processos desencadeados pelo rompimento da barragem de Fundão, cujos rejeitos de minério atingiram toda a bacia, constatamos que os desejos de aprendizagem dos (as) estudantes ecoavam os nossos desejos e inquietações e, de certo modo, da população valadarense e de outros grupos e populações que vivem ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

Em um outro movimento de pesquisa, que se propõe a “cartografar territórios educativos em bairros de Governador Valadares***”, passamos também a compreender o rio Doce como um território educativo. É um rio que nos ensina pelas memórias, pelas relações ecológicas, pelos posicionamentos cidadãos aos quais somos convocados em sua defesa, de modo particular no cenário do rompimento da barragem de Fundão.

Assim, esta coletânea pretende contribuir para que o rio Doce se torne parte de uma prosa educativa que propicie aprendizagens e que se alie a outras vozes, ecoando a denúncia sobre esse desastre, em pleno curso, e suas consequências ambientais e sociais.

A coletânea é um exercício interdisciplinar que contou, em sua elaboração, com os fios da escrita de pessoas ligadas à Agroecologia, às Artes, à Biologia, à Comunicação, ao Direito, à Engenharia, à História, à Matemática, à Psicologia, à Pedagogia, à Química... porque “um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez”, como lembra o poeta João Cabral de Melo Neto. E é justamente devido à di-



A barragem, de responsabilidade da mineradora Samarco/Vale-BHP, rompeu-se no dia 5 de novembro de 2015, despejando aproximadamente 55.000.000m³ de rejeitos de minério na calha do rio Doce, que se espalharam por cerca de 600 km do rio, até chegarem ao litoral do Espírito Santo.

** Apoio: CNPq (Universal 2016/1); UNIVALE; FAPEMIG.

*** Apoio: FAPEMIG (Universal 2018); UNIVALE.



versidade de olhares que, nos diferentes cadernos desta coleção, os (as) autores (as) usam termos distintos para se referirem ao rompimento da barragem e suas consequências, quais sejam desastre, crime, tragédia, desastre-crime, desastre sociotécnico, desastre socioambiental. Esse grupo plural se une em defesa do rio Doce, do seu ecossistema e das populações atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Cadernos Temáticos

- 1. Histórias do rio Doce**
Haruf Salmen Espíndola.

- 2. Histórias antigas do rio Doce**
Haruf Salmen Espíndola.

- 3. Memórias do rio Doce**
Patrícia Falco Genovez
José Luiz Cazarotto

- 4. Rio Doce: nos fios da arte e da memória**
Eliene Nery Santana Enes
João Marcos Parreira Mendonça

- 5. Comunidades tradicionais no médio rio Doce**
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Bianca de Jesus Souza
João Vitor de Freitas Moreira

- 6. Áreas Protegidas e Unidades de Conservação**
Guilherme Antunes de Souza
Fernanda Morozesky Geber
Renata Bernardes Faria Campos
Nájela Priscila dos Santos Moreira

- 7. Matas ciliares da bacia do rio Doce: impactos do rompimento da barragem de Fundão**
Maria Fernanda Brito de Almeida
Renata Bernardes Faria Campos

- 8. Peixes da bacia do rio Doce: diversidade e principais ameaças**
Eunice Maria Nazareth Nonato
Renata Bernardes Faria Campos
Jacqueline Martins de Carvalho Vasconcelos



9. Conversas sobre reparação de direitos no rompimento da barragem da Samarco

Lissandra Lopes Coelho Rocha
Diego Jeangregório Martins Guimarães
lesmy Elisa Gomes Mifarreg

10. Conversas na escola sobre a qualidade da água do rio Doce

Thiago Martins Santos
Ana Luiza de Quadros

11. Conversas entre o rio Doce e as crianças na escola

Karla Nascimento de Almeida
Valdicélio Martins dos Santos
Alessandra Amaral Ferreira
Elizabeth Aparecida de Carvalho
Imoyra Rodrigues dos Santos

12. Conversas entre o rio Doce, adolescentes e jovens na escola

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Karla Nascimento de Almeida
Gilda Melo Marques
Edmara Carvalho Novaes

13. Conversas na universidade sobre o desastre da Samarco

Thiago Martins Santos
Maria Gabriela Parenti Bicalho
Wildma Mesquita Silva

Reconhecemos que as conversas com o rio Doce que estabelecemos neste material são a continuidade de tantas outras conversas tecidas no cotidiano por diferentes pessoas, grupos e nas pesquisas. Desejamos que você viva a experiência da leitura e que seja provocado a relembrar suas conversas com o rio Doce e iniciar outras.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Thiago Martins Santos

Renata Bernardes Faria Campos

Eliene Nery Santana Enes

(Organizadores)



APOIO

ANA – Agência Nacional de Águas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

OBIT – Observatório Interdisciplinar do Território – UNIVALE

LAD – Laboratório de Didática – Pedagogia /UNIVALE

NIESD – Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares a autorização para realizar a pesquisa e a abertura para o desenvolvimento de atividades formativas em Educação Ambiental.

Gratidão e reconhecimento pelo trabalho aos bolsistas de Iniciação Científica da UNIVALE que contribuíram com a primeira pesquisa citada: Giovanni Tavares Neves (Engenharia Civil e Ambiental); Isabela Neto da Silva Paes (Engenharia Civil e Ambiental); Keren Christine Marques Cupertino (Pedagogia); e Rodrigo Felix Ferreira Rezende (Psicologia).



um dedo de prosa



Figura 1: Foto do rio Doce em Governador Valadares (MG). Fonte: TripAdvisor.

Iniciamos nossa prosa com uma foto do rio Doce, tendo ao fundo e refletido na água o Pico da Ibituruna, localizado na cidade de Governador Valadares. Buscamos sua atenção e convidamos a voltar seu olhar para essa imagem fotográfica. Uma imagem entre tantas que já apreciamos em catálogos, pôsteres, desenhos e pinturas, livros, reportagens, documentários.... Convidamos você a se lembrar de outras fotografias, que tenham você em destaque ou contemplem o rio Doce como parte do cenário: fotografia de um nascer ou pôr do sol, de um passeio, areia na prainha, banhos de rio, pescaria, cheia do rio, peixes, plantas, caiaques, balsa, gente no rio, a lua no rio e também, imagens com a lama de rejeitos despejados na calha do rio Doce, como consequência do rompimento da barragem de Fundão – Imagens de peixes mortos, rio de lama....

Essas lembranças, representações do rio Doce, surgem de memórias afetivas. Lembramos que a afetividade se faz presente nas relações com o outro e com o mundo; são manifestações representadas pelos sentimentos e emoções diversas.

Afetos são significantes de momentos vividos com o rio Doce e pertencem ao imaginário de muitos, a uma coletividade que, longe ou perto, convive com o rio Doce. Podemos dizer que guardamos na memória variadas representações do rio Doce que foram produzidas na interação, na relação com o rio, nas conversas que travamos com ele, seja por meio do olhar que admira sua beleza natural ou no uso de suas águas.

Vamos abrir a conversa, neste caderno temático, sobre nossa experiência com o rio, as relações de convivência, o que aprendemos quando olhamos e indagamos a beleza de suas águas, as pessoas e o rio, sua seca ou sua cheia, a lama de rejeitos e o desastre sociotécnico, as relações entre o rio e o ambiente.

Toda foto conta duas histórias: a do lado da câmera e a que fica do outro lado - a



percepção do olhar. Outras histórias poderão ser contadas, a partir das lembranças daqueles que fazem parte da cena capturada. Ainda, a imagem fotográfica em cena poderá ser recontada, recriada, customizada em porta-retratos, guardada em álbuns e na memória afetiva.

A apresentação deste caderno destaca o rompimento da barragem de Fundão, em 2015. A barragem despejou na calha do rio Doce, aproximadamente, 55.000,000 m³ de rejeitos de minério, imprimindo em nossas memórias marcas desse desastre sociotécnico. Todos nós temos lembranças desse trágico acontecimento. Vivendo perto ou longe das águas do rio Doce, lamentamos, entristecemos, percebemos a dor do rio Doce com as águas alaranjadas pelo rejeito de minério.

Nossa conversa segue fios das águas do rio Doce, mas também segue os fios da memória de Eliene Nery e João Marcos, autores deste caderno.



Eu, Eliene Nery, uma das pesquisadoras citada na apresentação deste caderno. Nessa pesquisa, conversamos com estudantes de escolas da cidade e do campo sobre o que pensam sobre o rio Doce no contexto desse desastre sociotécnico. Como moradora da cidade, compreendo que o rio Doce faz parte de nossas vidas.



João Marcos, parceiro neste trabalho, segue também, os fios de outras memórias, pelo olhar da arte, acreditando lançar luz sobre temas do nosso cotidiano, como as consequências do rompimento da barragem de Fundão em nossa cidade e, principalmente, em nossas vidas. A arte permite um olhar poético sobre a vida, mas também um olhar crítico e reflexivo sobre a nossa realidade.

Vamos apresentar outras imagens sobre o rio Doce. Agora pelo olhar do cartunista, João Marcos, que por meio de suas charges, captura no tempo vivido, registra, denuncia, revela em seus traços criativos: sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano.

A charge é um desenho que tem como tema algum acontecimento do cotidiano, geralmente abordado com crítica e humor.



Neste caderno, vamos dialogar com as charges de João Marcos. Esse é seu modo de conversa – usa o desenho, no estilo cartum, para registrar um acontecimento e fazer a gente pensar. Foi assim com o rompimento da barragem de Fundão, com as representações, “Como uma lama no mar”, “Lama a caminho do litoral capixaba” e outras charges que vamos conhecer ao longo do texto ... #abrimos a prosa.

abrindo a prosa

#música maestro!

... (Como uma onda, Lulu Santos)

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia:
Tudo passa, tudo sempre passará.
A vida vem ondas como um mar
Num indo e vindo infinito.
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo...
Não adianta fugir nem mentir
Pra si mesmo
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar.*



Figura 2: Como uma onda no mar. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2015)¹

1 João Marcos Parreira Mendonça, na época do rompimento da barragem de Mariana, era chargista do Jornal Diário do Aço/Ipatinga e registrou em suas charges as consequências da tragédia ambiental na região.





Figura 3: Lama a caminho do litoral capixaba. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2015).

As imagens acima, representadas pelas charges de João Marcos, retratam nossos sentimentos de perplexidade, a ameaça da lama sobre o meio ambiente. “nada do que foi será”...

Imaginamos que talvez você já tenha ouvido a música “Como uma onda no mar”, de Lulu Santos. Talvez tenha cantado, batucado, compartilhado... As notas e letra da música servem aqui para mostrar as águas do rio Doce, ou seja, a lama de rejeitos da barragem de Fundão no leito do rio Doce. “Como uma lama no mar... nada do que foi será...”

Não há outro jeito de abrir essa prosa, senão dizer da nossa perplexidade, das manifestações de tristeza e de medo subjetivos que aparecem de súbito e que, no dizer do geógrafo Yi-fu Tuan, são sentimentos topofóbicos, ou seja, sentimentos de medo produzidos por um ambiente ameaçador. A lama que ameaça as crianças estraga a praia, mata os peixes e, na sequência, toda a cadeia alimentar. Ela atinge quem dela se serve; é ameaça para todos **#somos todos afetados**.

As consequências desse desastre marcaram toda a população que se relaciona com o rio, que dele depende nos vários modos de relações: água para consumo humano, pesca, criação de animais, plantações, atividades econômicas, culturais, relações afetivas com a natureza, águas de vida.

Extraímos da apresentação do livro “Desastre no Vale do Rio Doce”, organizado por Bruno Milanez e Cristiana Losekann, a citação que expressa as marcas do desastre sociotécnico:

O dia 5 de novembro de 2015 será para sempre marcado como um dia de tristeza, indignação e dor. Rompeu-se a barragem do Fundão: 19 mortos. Dois distritos de Mariana, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, destruídos. Milhares de hectares de áreas de plantio e de uso para outras atividades produtivas impactados, possivelmente, de modo irreversível. Milhares de agricultores, comerciantes e pescadores sem trabalho. Mais de um milhão de pessoas atingidas. Diversas cidades em Minas Gerais e Espírito Santo sem abastecimento de



água potável por semanas. Todo o Rio Doce destruído. (Desastre no Vale do Rio Doce, 2016, p. 15).

Adolescentes, estudantes de escolas públicas de Governador Valadares, que participaram da pesquisa “Relação com o saber e educação ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral”, também expressam seus sentimentos com o rompimento da barragem.

O desastre de Mariana trouxe muitos prejuízos para nós. A água contaminou, tinha gente que nadava na água; hoje não pode mais, pescador não pode pescar mais, os peixes morreram muitos. Eles reclamam, porque foi um prejuízo para eles, porque era um lazer que eles tinham, tomar banho no rio, brincar, e agora não podem mais. (Carlos, nome fictício)

O rio era importante para muita gente, que tipo, tinha gente que sobrevivia da pesca, da água. E hoje não pesca mais, porque não tem tanto peixe assim. E também a água está ruim, porque os peixes talvez estejam contaminados. (Ayla, nome fictício)

Ah eu acho que eu me sinto triste né, porque o rio antes era muito bonito e agora está acabado, morreu muito peixe, acabou com o rio. (Lara, nome fictício)

Além desses depoimentos de pesquisadores e de estudantes, temos na memória reportagens que circulam pela mídia e depoimentos diversos das pessoas (crianças, jovens, mulheres e homens) pessoas do campo e da cidade, povos indígenas, quilombolas, pescadores, dentre tantos que descrevem com dor e perplexidade o impacto desse desastre sociotécnico sobre a população, sobre nós mesmos que vivemos ao longo do curso do rio Doce. Sabemos que o desastre será sentido por várias gerações e ainda não sabemos se o ambiente voltará a ser como antes.

Entendemos que você também deve ter suas representações sobre o rio Doce, suas lembranças da tragédia, quer seja na forma de imagens da lama, da falta d’água, da morte dos peixes e outros animais ou de bons momentos vividos no rio em passeios, banhos, churrasco na beira do rio, etc. Se tiver oportunidade, fale sobre essas lembranças. É um jeito de fortalecer o rio Doce, de mostrar o seu valor, sua resistência, sua vulnerabilidade e o que ele representa para você.

no fio da prosa

Novembro, dia cinco de 2015, aproximadamente 55.000,000 m³ de rejeitos de minério são despejados na calha do Rio Doce e segue o curso até chegar ao litoral do Espírito Santo.

Reiteramos a marca do dia cinco de novembro de 2015 como um dia para não esquecer! Por isso, escolhemos duas charges provocadoras dessa lembrança e que nos fazem pensar. Por meio delas perguntamos: **o que mudou depois do rompimento da barragem de Fundão?**



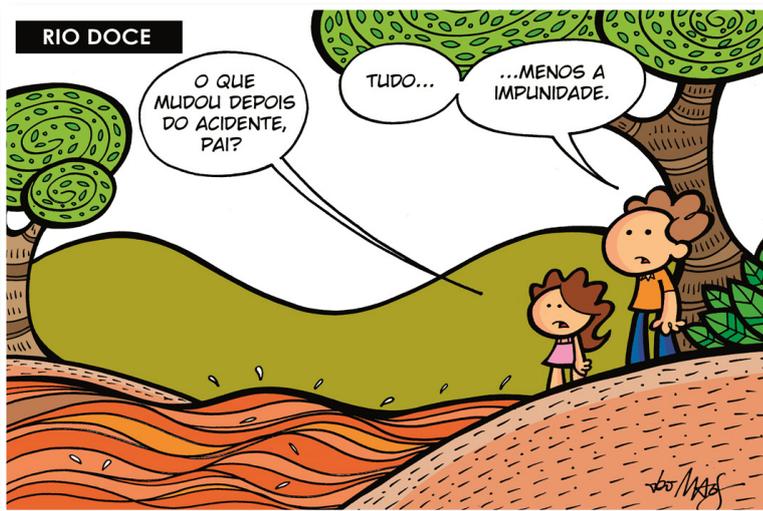


Figura 4: Rio Doce. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2016).

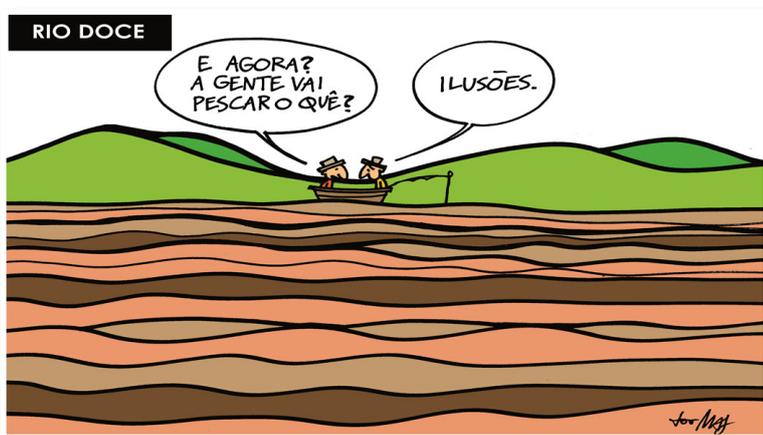


Figura 5: Rio Doce. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2015).

O que esses diálogos das charges nos fazem pensar?

As primeiras percepções sobre os diálogos se expressam em sentimentos de tristeza, perplexidade, olhar de espanto sobre uma paisagem sem vida.

#Somos todos afetados!

Afetados emocionalmente, pois nosso amor pelo rio é natural como sua paisagem, que é dada e não construída. A tristeza é fotografia do olhar estarecido.

Afetados economicamente, pois o rio é utilizado para travessias, para alimentar muitos com peixes e para desenvolver outras atividades econômicas.

Afetados ambientalmente em tudo que circunda o rio em sua extensão e largura, plantas, animais e pessoas, até suas águas se encontrarem com o mar também afetado pela lama de rejeitos.

Afetados pela impunidade. Pessoas e ambiente esperam respostas sobre os danos



sofridos. Os processos deliberativos e programas de reparação de danos causados pelo rompimento seguem a passos lentos e muitos processos estão paralisados.

Cinco anos depois

Cinco anos depois do rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, ninguém foi punido criminalmente pelo desastre. O fato aconteceu no dia 5 de novembro de 2015. O crime de homicídio foi retirado do processo; as mortes provocadas pelo rompimento da barragem foram consideradas pela justiça como consequência da inundação causada pelo rompimento; as comunidades destruídas não foram reconstruídas, conforme noticiado pelas mídias, denunciado por grupos, comunidades afetadas e por pesquisadores.

O poeta Carlos Drummond de Andrade expressou nos versos “Lira Itabirana”, publicado em 1984, sentimentos de dor e denúncia em favor do rio Doce. Os sentimentos da época, dor e denúncia, são os mesmos de hoje.

E o rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

A dívida interna.
A dívida externa.
A dívida eterna.

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Que leituras você faz, hoje, do poema de Drummond?

Que sentimentos esse poema desperta em você, quase quatro décadas depois?

Além do poema que é inspirador para muitas conversas sobre o que preocupava o poeta e que hoje nos preocupa, selecionamos também alguns vídeos que podem render boas prosas com o rio Doce.



Esses vídeos são sugestões para revisitar cenas, obter informações sobre os encaminhamentos de reparação de danos aos atingidos e ao meio ambiente. Os vídeos mostram o rio Doce, antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, a paisagem natural, as pessoas, as falas dos atingidos que confirmam o que foi perdido e, ainda, os danos não reparados.

Vídeo 1: Assista ao vídeo com a reportagem do G1.globo.com/minas Gerais, que traz comentário recente sobre a impunidade, descaso com o meio ambiente e a população atingida.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/10/29/cinco-anos-depois-da-maior-tragedia-ambiental-do-pais-que-matou-19-pessoas-em-mariana-ninguem-foi-punido.ghtml>

Vídeo 2: confira no vídeo da BBC Brasil a reportagem de Ricardo Senra e Luís Kawaguti, que percorreram o rio Doce de Colatina (ES) a Governador Valadares (MG)

Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/11/151119_rio_doce_lk

outras prosas

O meio ambiente anuncia com as enchentes e secas que a natureza está em desequilíbrio. O que se passa com os humanos que não cuidam de sua casa? Perguntamos. Nossa casa é o nosso quintal, nosso bairro, nosso rio, nossa floresta, animais e plantas. Tudo foi criado antes da nossa existência e entregue a cada pessoa para cuidar, usufruir e continuar legando às futuras gerações.

Nesse contexto, como podemos pensar a relação entre humanos e ambiente retratada na charge abaixo? Que sentimentos essa charge provoca em você?



Figura 6: Confiança. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2015).



Você sabia que o ambiente é um direito? A Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 225, esclarece:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações. (Artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988)

Como cidadãos, temos direito ao equilíbrio do ambiente, preconizado na Constituição Federal, para o bem comum e para as futuras gerações. A palavra ambiente vem do latim—*ambiens.entis*— meio ambiente. Na Língua Portuguesa, essa palavra significa: “tudo que rodeia ou envolve por todos os lados os seres vivos ou coisas e constitui o meio em que vive; conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolvem uma ou mais pessoas” (HOUAISS, 2001, p.183).

O que essa charge denuncia sobre esse direito humano ao ambiente? E o direito do rio e da biosfera que o constitui?



Figura 7: Rio Doce. Fonte: Diário do Aço, Ipatinga-MG (2015).

Uma pesquisadora que muito nos inspirou em nossos estudos sobre esse debate é Lucie Sauvé, que resume compreensões de ambiente como: natureza a ser apreciada, respeitada, preservada; um recurso a ser gerido, caracterizado como nosso patrimônio biofísico coletivo; um lugar para habitar, conhecer, cuidar; a biosfera caracterizada pelo planeta Terra, um mundo de interdependência no qual todos vivemos juntos (SAUVÉ, 2005). É nesse meio ambiente que vivemos e construímos um modo de ser no mundo, por meio de nossas relações com os outros e a cultura.

Outro autor, pesquisador, Marcos Reigota, enfatiza que as relações pessoas-ambiente processam a criação cultural, tecnológica, os processos históricos e políticos (REIGOTA, 2009). O rio Doce é um exemplo de descuido, de descaso das políticas ambientais. Pensamos que refletir sobre o rio Doce e o meio ambiente nos faz pensar sobre as relações das pessoas com a natureza, os animais, com o outro, com a nossa



cidade – o que nos leva a construir ideias, opiniões, saberes que possam mobilizar o agir na defesa do rio, da natureza, de nossa vida no planeta.

É provável que você participa ou já participou de algum movimento em defesa do rio Doce, por meio de conversas com colegas e professores, na escola, sobre a lama de rejeitos da barragem de Fundão no rio Doce e como ficaria a água para o uso humano e dos animais. Talvez você tenha participado, ainda, de reuniões em bairros e igrejas sobre a indenização de danos disponibilizada pela Samarco, procurou ouvir jornais falados e reportagens sobre a turbidez da água e sobre os danos à população, leu jornais diversos, viu o rio, conversou com familiares, etc.

Esses movimentos são formas de ação, de participação, de reflexão sobre o futuro do rio Doce e do ambiente. Entendemos que o rio Doce faz parte de nossas vidas, morando perto ou longe. Ele interage, estabelece relações pela paisagem, pela ponte que atravessamos, pela água que bebemos, pela chuva e todos os movimentos do clima, pelos peixes, plantas e animais. O rio Doce é parte das nossas vidas.

Em tempos de tecnologias de informação e comunicação, com a velocidade de novas informações, é preciso refletir, pensar sobre a realidade dos fatos, as realidades ambiental, local e global. Essa defesa, ao longo do tempo, foi organizada em gestão e políticas ambientais. Precisamos dialogar para tecer ideias, refletir sobre a degradação ambiental, criar modos sustentáveis de agir em nosso entorno. Pequenas ações ajudam: separar o lixo úmido e seco, cuidar da praça do bairro, árvore da rua... Pense outras ações que você pode fazer para contribuir com o meio ambiente, na sua escola e seu entorno.

As Universidades, as escolas, as igrejas, as organizações da sociedade civil são instituições abertas ao diálogo, nos revelam conhecimentos, informações e são caminhos para a construção de laços de referência, projetos e redes de proteção relacionadas ao meio ambiente. Se tiver oportunidade, participe de eventos e de reuniões com amigos e familiares.

Como vivemos em um mundo de imagens, vamos apresentar algumas dicas de materiais interessantes, de fácil acesso na internet, que ajudam a aprofundar temas relacionados ao ambiente e construir novos questionamentos.

Fotografias: Sebastião Salgado, renomado fotógrafo documental. Por meio de suas fotografias retrata fatos, dramas sociais e políticos, defende a natureza. Acesse o link abaixo e conheça a força expressiva de suas fotografias:

<https://br.pinterest.com/abordando/fotografia-de-sebasti%C3%A3o-salgado/>

Manifesto: “Ajude-nos a proteger os índios da Amazônia da Covid-19”. O famoso fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e sua mulher, a designer gráfica Lélia Wanick Salgado, pedem que o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, adote medidas imediatas para defender os povos indígenas da ameaça da pandemia.

https://www.youtube.com/watch?v=u7G4JA1of_E



O Instituto Terra: uma organização civil sem fins lucrativos voltada para a restauração ambiental e para o desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce. O instituto está localizado bem perto de nós, a vizinha Aimorés. A região originariamente era coberta pela Mata Atlântica e abrange municípios de Minas Gerais e do Espírito Santo, banhados pela Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

Institutoterra.org

Documentário: “Lixo Extraordinário” - relata o trabalho do artista plástico brasileiro, Vik Muniz, com catadores de material reciclável em um dos maiores aterros controlados do mundo, localizado no Jardim Gramacho, em Duque de Caxias (RJ).

Livro: “O Amanhã não está à venda”, de Ailton Krenak, líder indígena que discute como a sociedade se divorciou da natureza e sobre a pandemia de Covid-19. Abaixo o link para acessar e baixar PDF do livro. Uma ótima leitura!

<https://revistaeducacao.com.br/2020/04/18/ailton-krenak-coronavirus/>

Esse conjunto de materiais que selecionamos pode render boas conversas em casa, em seus círculos de amizade, nos grupos dos quais participa e nos ajudam a refletir sobre as responsabilidades pessoais, coletivas e políticas, empresariais, dentre outras, no cuidado ambiental e em defesa do rio Doce.

amarrando a prosa

A prosa tá boa...

Gostamos de compartilhar com você essas reflexões e ideias sobre o rio Doce e o ambiente. Esperamos que a leitura deste caderno possa ter contribuído para o início de outras conversas sobre o rio Doce.

Jorge Luís Borges é um poeta que escreveu sobre uma vivência de viagem em seu texto “O deserto do Saara”. Escreve ele: “A uns trezentos ou quatrocentos metros da Pirâmide me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais longe e disse em voz baixa: estou modificando o Saara”. Borges nos encoraja. Um punhado de areia modifica o meio ambiente. Podemos fazer isso!

Deixamos para você a amarração das palavras deste caderno a outras palavras, de outros parceiros, colegas, escolares... Passe adiante este caderno, ele mesmo ou por meio de suas palavras, suas ideias e outras representações como: desenhos, fotografias, vídeos e, principalmente, a escuta da conversa do rio. Escute.... Ele fala nos fios de suas águas!

#oRioDoceFala



Fechamos essa prosa com os versos do poema “De mão dadas”, de Carlos Drummond de Andrade, que convida a caminhar juntos. Os fios da arte e da memória que aqui tecemos ganham sentido na luta e defesa comuns. Que a esperança e os desejos nos mobilizem...

..... não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

referências

Apresentamos, nesta seção, autores (as), relatórios, sítios eletrônicos e publicações nossas nas quais nos referenciamos para a escrita deste caderno temático.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS – ANA. **Encarte especial sobre a bacia do Rio Doce**. O rompimento da barragem de Mariana. Superintendência de Planejamento de Recursos Hídricos. Brasília, DF. 2015. PDF.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. PDF

CAMPOS, Renata B. F.; SANTOS, Thiago M.; SOUZA, Maria Celeste R. F. de; ENES, Eliene N. S. Risco, desastre e educação ambiental: a terceira margem do Rio Doce. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 66-94, jan. / abr. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618362017066> . Acesso em: out. 2020.

ENES, Eliene Nery Santana; SOUZA, Maria Celeste Reis F. de; SANTOS, Thiago Martins; CAMPOS, Renata B. Faria. Relação com o saber e o rio Doce: a marca das aprendizagens relacionais e afetivas. **Revista de Estudos de Cultura**. São Cristóvão (SE), UFS, v. 5, n. 14, p. 117-130, Mai. Ago., 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/13258> . Acesso em: out. 2020.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. RJ. Objetiva, 2001.

JORNAL ESTADO DE MINAS GERAIS. **Mariana cinco anos depois**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/02/interna_gerais,1200270/mariana-5-anos-depois-vitimas-de-barragem-ainda-sofrem-com-doencas.shtml Acesso em: nov. 2020.



MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana (org.). **Desastre no Vale do Rio Doce**: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <http://www.meioambiente.mg.gov.br/component/content/article/13-informativo/2879-desastre-ambiental-em-mariana-e-recuperacao-da-bacia-do-rio-doce>. Acesso em: nov. 2020.

Minas Gerais. **Relatório**: Avaliação dos efeitos e desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão em Mariana-MG. Belo Horizonte, 2016.PDF. Disponível em: https://arquivos.ana.gov.br/RioDoce/EncarteRioDoce_22_03_2016v2.pdf. Acesso em: nov. 2020.

Poemas sobre rios. Disponível em: https://www.pensador.com/poemas_sobre_rios/. Acesso em: Nov.2020

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de et al . APRENDIZAGENS AMBIENTAIS DE ESTUDANTES SOBRE O RIO DOCE: RELAÇÕES E SENTIDOS. **Cad. Pesquisa.**, São Paulo , v. 50, n. 175, p. 160-185, Mar. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/cp/v50n175/pt_1980-5314-cp-50-175-160.pdf . Acesso em: out. 2020.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michéle; CARVALHO, Isabel (Org.). **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SOBRE OS AUTORES

Eliene Nery Santana Enes

Mestre em Gestão Integrada do Território (GIT/UNIVALE). Professora do curso de Psicologia (UNIVALE). Pedagoga. Psicóloga. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa: Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos (UNIVALE).

João Marcos Parreira Mendonça

Mestre em Artes Visuais (UFMG). Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo (UNIVALE). Roteirista da Mauricio e Sousa Produções e autor de diversos livros em quadrinhos para crianças. Na época do rompimento da barragem de Mariana era chargista do Jornal Diário do Aço/Ipatinga e registrou em suas charges as consequências da tragédia ambiental na região. Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa: Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos (UNIVALE).



